

O CASAL NA IGREJA E NO MUNDO

44.º Encontro-Peregrinação Nacional CPM, 8/3/14, Fátima

O QUE ESPERA A IGREJA DOS CASAIS?

I - INTRODUÇÃO

Caros amigos casais CPM, quero começar por vos dirigir uma palavra de saudação amiga. Em primeiro lugar, porque, como conselheiro espiritual de uma equipa de base, me sinto um de vós, unido pelos mesmos princípios e objetivos. Em segundo lugar, porque ao partilhar a vida, a caminhada cristã e o testemunho sincero e corajoso dos casais da minha equipa, não posso deixar de vos louvar a todos pela vossa dedicação a este movimento e aos noivos com quem vos ides encontrando.

O que espera a Igreja dos casais? Pergunta complicada e algo difícil de interpretar. Podemos lê-la com o pressuposto de que Igreja e casais/famílias são algo distinto e separado. Desta forma a Igreja colocar-se-ia diante das famílias dizendo-lhes aquilo que elas devem fazer, como é que elas se devem comportar. Esta visão não é correta pela simples razão de que a família e Igreja são realidades que se tocam e estão profundamente interligadas. Não se pode distanciar e separar aquilo que só faz sentido quando junto. A Igreja é uma família e cada família é Igreja. A Igreja é chamada a viver em espírito familiar, de proximidade, relação e entreaajuda. A família é desafiada a incarnar a essência da Igreja: povo chamado, eleito por Deus, onde Ele veio fazer a sua morada. Só partindo deste princípio é que poderemos procurar responder à pergunta que nos foi feita.

II - VIVER O SACRAMENTO E DO SACRAMENTO

O Sacramento do Matrimónio manifesta-se na presença continuada de Cristo na vida do casal, de tal maneira que Ele faz sua aquela união e compromete-se com ela. Essa presença de Cristo na vida do casal é o fator básico, fundamental e indispensável para que se atinja a perfeição da vida conjugal. Graças à presença do Cristo na vida do casal,

toda vida conjugal é transformada.

O Sacramento do Matrimónio não é algo do passado, é uma realidade dinâmica, sempre presente na vida do casal e da família. Naquela celebração, anos atrás, houve apenas o começo de uma vida, de um novo sacramento.

No início do Rito do Matrimónio, o presidente da celebração dirige-se aos noivos com estas palavras:

Noivos caríssimos, viestes à casa da Igreja para que o vosso propósito de contrair Matrimónio seja firmado com o sagrado selo de Deus, perante o ministro da Igreja e na presença da comunidade cristã. Cristo vai abençoar o vosso amor conjugal. Ele, que já vos consagrou pelo santo Batismo, vai agora dotar-vos e fortalecer-vos com a graça especial de um novo sacramento para poderdes assumir o dever de mútua e perpétua fidelidade e as demais obrigações do Matrimónio. Diante da Igreja, vou, pois, interrogar-vos sobre as vossas disposições. (Ritual do Matrimónio)

Dá-se desta forma início a uma presença especial de Cristo na vida daquelas duas pessoas que assumiram uma comunhão total de toda vida e por toda a vida. A vida conjugal, pela presença de Cristo, passa a ser a fonte de felicidade para o casal. É através da vida conjugal que Cristo atinge o casal e o conduz pelos caminhos da vida.

O sacramento desafia o casal a chegar à perfeição cristã vivendo até às últimas consequências o dom da presença santificante de Cristo no seu seio. A vivência do Sacramento do Matrimónio é o trilho pelo qual se desenvolve o casal.

*Deus, que de facto, chamou os esposos «**ao**» matrimónio, continua a chamá-los «**no**» matrimónio. Dentro e através dos factos, dos problemas, das dificuldades, dos acontecimentos da existência de todos os dias, Deus vai-lhes revelando e propondo as «exigências» concretas da sua participação no amor de Cristo pela Igreja em relação com a situação particular - familiar, social e eclesial - na qual se encontram. (FC 51)*

Pela sua própria natureza, o homem e a mulher podem sentir-se atraídos, podem até estabelecer entre si laços de amizade. Mas a proposta de Deus vai além: a todos os homens e mulheres oferece a possibilidade de um novo amor conjugal, transfigurado pela participação de ambos na vida da Trindade. É amor que existe a partir de uma

ação divina, que transforma as pessoas e lhes dá possibilidade de amar de uma maneira nova. A vivência do sacramento do matrimônio engloba, abraça e inclui toda a realidade do amor entre um homem e uma mulher. Não é apenas um amor *espiritual*: é amor do espírito e da alma, sim, mas é também amor do coração e da carne, amor de desejo e de atração. É um amor verdadeiramente incarnado na história daqueles seres que formam aquela pequena Igreja doméstica.

III - FAMÍLIA: COMUNIDADE PROFÉTICA, SACERDOTAL E REAL

Pelo sacramento do batismo tornamo-nos membros de Cristo sacerdote, profeta e rei, como afirmam as palavras do sacerdote antes de ungir as crianças com o óleo do Crisma. Usemos esta chave de leitura e apliquemo-la à família para sabermos aquilo a que ela é chamada.

1. FAMÍLIA, COMUNIDADE PROFÉTICA

“A família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e de onde o Evangelho irradia... Os pais não somente comunicam aos filhos o Evangelho, mas podem receber deles o mesmo Evangelho profundamente vivido” (Paulo VI, EN n.71).

- a) NO SEU SER: ela é sacramento / sinal do amor de Deus pela sua Igreja.
“A missão profética da família, e dentro dela dos maridos e das esposas, está baseado na sua experiência de casados e numa compreensão do sacramento do matrimônio, do qual podem falar com autoridade própria. A sua experiência e a sua compreensão constituem...uma autêntica fonte teológica da qual nós, pastores, e toda a igreja podemos tirar conclusões” (El Sínodo de la Família, Madrid, 1981)
- b) NAS SUAS RELAÇÕES (internas): é convidada a proclamar, vivenciar e experimentar na vida quotidiana o amor como regra de vida (relação de casal, de pais e filhos, de irmãos, de avós e netos). *«A ação catequética da família tem um carácter particular e, em certo sentido, insubstituível, justificadamente posto em evidência pela Igreja, de modo especial pelo Concílio Vaticano II (118). A educação para a fé, feita pelos pais — a começar desde a mais tenra idade das crianças (119) — já se realiza quando os membros de determinada família se ajudam uns aos outros a crescer na fé, graças ao próprio testemunho de vida cristã muitas vezes silencioso, mas perseverante, no desenrolar da vida de todos os dias, vivida segundo o Evangelho. Torna-se ainda mais marcante quando, ao ritmo dos acontecimentos familiares — como por exemplo a recepção dos*

Sacramentos, a celebração de grandes festas litúrgicas, o nascimento de um filho, um luto — se tem o cuidado de explicar em família o conteúdo cristão ou religioso de tais acontecimentos.» (JP II, Catechesi Tradendae, 1979, nº 68)

- c) NAS SUAS ACÇÕES (externas). *«A família cristã como a Igreja é uma realidade essencialmente missionária. Fechar-se em si mesma, renunciar ao anúncio do Evangelho, seria deixar de ser sacramento de salvação e, portanto, deixar de ser Igreja. Toda a família há de crescer cada dia num autêntico sentido missionário aberto a outras famílias, ao ambiente em que vivem, e num compromisso espiritual, vocacional e material com a ação missionária da Igreja no mundo.» (Conferência Episcopal espanhola, Matrimonio y Familia hoy, nº 61)*

A FAMÍLIA é chamada a ser uma comunidade profética, a ser uma Igreja anunciadora da Boa Nova da salvação, a proclamar que é possível ser família nos dias de hoje em que parece que são cada vez menos os que acreditam nessa possibilidade.

2. FAMÍLIA, COMUNIDADE SACERDOTAL

O papa Francisco escreveu, no passado dia 2 de fevereiro, uma carta às famílias sobre o próximo sínodo dos bispos que terá como tema *«Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização»*. A determinada altura, o papa pede o seguinte às famílias: *«O apoio da oração é muito necessário e significativo, especialmente da vossa parte, queridas famílias; na verdade, esta Assembleia sinodal é dedicada de modo especial a vós, à vossa vocação e missão na Igreja e na sociedade, aos problemas do matrimónio, da vida familiar, da educação dos filhos, e ao papel das famílias na missão da Igreja. Por isso, peço-vos para invocardes intensamente o Espírito Santo, a fim de que ilumine os Padres sinodais e os guie na sua exigente tarefa. (...) Queridas famílias, a vossa oração pelo Sínodo dos Bispos será um tesouro precioso que enriquecerá a Igreja. Eu vo-la agradeço e peço que rezeis também por mim, para que possa servir o Povo de Deus na verdade e na caridade.»*

É extremamente significativo que o papa coloque nas mãos das famílias e do poder da sua oração o sucesso do próximo sínodo dos bispos, tanto mais que o seu tema é a própria família. Já para não falar na parte final, em que pede para que as famílias rezem também por ele e pelo seu ministério.

A Igreja é antes de mais uma comunidade de chamados e escolhidos para, por palavras e pela vida, elevar até Deus o seu infindável cântico de louvor, ação de graças e súplica. Nesse sentido, a família é convidada a fazer seus estes mesmos desafios, tornando-se ela mesma uma Igreja orante que louva o Seu Senhor.

«A família cristã também está inserida na Igreja, povo sacerdotal: mediante o sacramento do matrimónio, no qual está radicada e do qual se alimenta, é continuamente vivificada pelo Senhor Jesus, e por Ele chamada e empenhada no diálogo com Deus mediante a vida sacramental, o oferecimento da própria existência e a oração. É este o múnus sacerdotal que a família cristã pode e deve exercitar em comunhão íntima com toda a Igreja, através das realidades quotidianas da vida conjugal e familiar: em tal sentido a família cristã é chamada a santificar-se e a santificar a comunidade cristã e o mundo.» (FC 55)

Todos temos consciência das enormes dificuldades que este tema acarreta no seio de muitas famílias cristãs. De um momento diário e obrigatório em muitas famílias de há 50 anos, passou a ser uma teimosia de meia dúzia. O tempo que era dedicado ao encontro com Deus passou a ser ocupado pela televisão e por todos os outros meios de comunicação, mais ou menos virtuais, dos quais ninguém prescinde, principalmente as gerações mais novas. O confronto geracional é enorme quando se fala de oração. Parece que só se descobre o valor da oração e se consegue arranjar tempo para rezar quando aparecem os cabelos brancos e se chega à idade da reforma. Não fica bem em gente jovem, empreendedora, moderna, ativa e desempoeirada.

Podemos procurar e satisfazer-nos com meia dúzia de respostas fáceis para este problema. Ou podemos ousar ter a coragem para questionar a imagem que cada um faz da sua própria família e o lugar que está disposto a nela ocupar. Talvez seja necessário rever completamente o sentido da oração, as motivações pelas quais ela se faz ou deve fazer, a forma e conteúdo que ela encerra. Talvez seja preciso

desinstalarmo-nos de determinados figurinos e protótipos de oração onde crescemos e nos sentimos bem, para a pensarmos, prepararmos e realizarmos com a consciência de que ela deve em primeiro lugar proporcionar um verdadeiro encontro com Deus e estar adaptada às pessoas concretas que nela vão participar. Não tem que ser sempre e só o rosário, não tem que durar pelo menos 30 minutos, não tem que decorrer em ambiente zen. Tem que ser somente oração, encontro com Deus, a exemplo da oração que Jesus nos ensinou, Pai Nosso...

A Eucaristia é o momento por excelência da Igreja em oração. Não só porque se trata do sacramento no qual se condensa toda a ação salvadora de Deus em favor do seu povo, mas também porque a própria assembleia cristã, reunida e convocada, é *Eucaristia*, é *ação de graças*, é a humanidade que se reúne para celebrar o seu Deus. «*A Eucaristia é a fonte própria do matrimónio cristão. O sacrifício eucarístico, de facto, representa a aliança de amor de Cristo com a Igreja, enquanto sigilada com o sangue da sua Cruz. Neste sacrifício da Nova e Eterna Aliança é que os cônjuges cristãos encontram a raiz da qual brota, é interiormente plasmada e continuamente vivificada a sua aliança conjugal. Como representação do sacrifício de amor de Cristo pela Igreja, a Eucaristia é fonte de caridade. E no dom eucarístico da caridade a família cristã encontra o fundamento e a alma da sua «comunhão» e da sua «missão»: o Pão eucarístico faz dos diversos membros da comunidade familiar um único corpo, revelação e participação na mais ampla unidade da Igreja; a participação pois ao Corpo «dado» e ao Sangue «derramado» de Cristo torna-se fonte inesgotável do dinamismo missionário e apostólico da família cristã.*» (FC 57)

Não nos vamos alongar mais, mas muito haveria a dizer da relação da família com cada um dos sacramentos, desde a reconciliação à unção dos doentes, etc. O mesmo se pode dizer da vivência dos momentos fortes do ano litúrgico, dos dias festivos relacionados com a família ou com a caminhada catequética dos filhos, etc.

3. FAMÍLIA, COMUNIDADE QUE VIVE O AMOR

Jesus Cristo, na última ceia, ao despedir-se dos seus discípulos, sintetizou a vivência cristã num mandamento que se tornou a regra de ouro: «*Dou-vos um novo*

mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 34-35). O mandamento do amor torna-se o caminho e ideal de vida cristã, une-nos a Deus e aos irmãos, a exemplo de JC que nos amou até dar a vida por nós.

O sacramento do matrimónio consiste na vivência da caridade conjugal, da caridade entre marido e mulher. Chegar à perfeição da caridade é chegar à perfeição esperada por Deus dos casais. A expressão *caridade conjugal* acrescenta algo muito importante à ideia do amor conjugal, deixando claro que este é dom de Deus, derramado por Ele no coração de um homem e de uma mulher. *«Em continuidade com o batismo na água e no Espírito, o matrimónio propõe outra vez a lei evangélica do amor, e, com o dom do Espírito, grava-a mais profundamente no coração dos cônjuges cristãos: o seu amor, purificado e salvo, é fruto do Espírito, que age no coração dos crentes e se põe, ao mesmo tempo, como mandamento fundamental da vida moral pedida à liberdade responsável deles. A família cristã é deste modo animada e guiada pela nova lei do Espírito e em íntima comunhão com a Igreja, povo real, chamada a viver o seu «serviço» de amor a Deus e aos irmãos.»* (FC 63)

A exemplo do que se disse da dimensão profética e sacerdotal, o primeiro âmbito onde a família é convidada a viver de acordo com este Espírito que lhe foi concedido é o seu próprio interior, nas relações conjugais, paternas, filiais e fraternais que a constituem. Da família nuclear, este convite estende-se depois à família alargada e às outras famílias que integram a comunidade humana e eclesial de que fazem parte.

Depois, é fundamental sublinhar o papel social da família, como célula base da sociedade e estruturante de toda a realidade humana. Diziam os bispos portugueses numa nota pastoral que publicaram há poucos meses intitulada *«A força da família em tempos de crise»*: *«A família representa um bem público, um bem social, (...) é a primeira e mais básica das instituições sociais»*.

Mais à frente, fazendo referência ao contexto de crise económica do nosso país que tantas famílias está a afetar, podemos ainda ler: *«A crise económica e social que o nosso país atravessa vem evidenciando, precisamente, a riqueza que representa a família. Tem sido a solidariedade familiar, que se traduz em solidariedade entre*

gerações, em muitos casos, o primeiro e mais seguro apoio de quem se vê a braços com o desemprego, ou a queda abrupta de rendimentos, com a conseqüente incapacidade de fazer face a compromissos assumidos que se destinam à satisfação de necessidades familiares essenciais, como a da habitação.»

Na carta pastoral «*A beleza e a alegria de viver em família*», o bispo de Leiria, D. António Marto, fazendo referência à FC, diz: «“A família é a primeira e vital célula da sociedade onde os cidadãos encontram *a primeira escola daquelas virtudes sociais que são a alma da vida e do desenvolvimento da mesma sociedade*”(FC 42), a saber: respeito pela dignidade pessoal de cada um, acolhimento cordial, encontro e diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, fraternidade e solidariedade profunda. (cf. FC 43)»

Torna-se pois clara a importância fundamental do ambiente familiar para que se formem cidadãos plasmados pelo Amor de Deus, capazes de transformar o mundo que os rodeia.

IV - FAMÍLIA(S) CPM

Caminhando já para o fim da minha apresentação, gostaria agora de, em quatro pequenos apontamentos, aplicar aquilo que foi dito até aqui à realidade do CPM.

Em primeiro lugar, o sacramento do matrimónio é a nossa fonte de inspiração. A sua vivência por parte de cada um dos casais é um dos nossos maiores e mais importantes objetivos. É por isso e para isso que existimos.

Em segundo lugar, sempre que nos preparamos e encontramos com os noivos não procuramos ensinar teorias ou apresentar modelos perfeitos de vivência conjugal e familiar. É-nos feito o convite de anunciar, por palavras e pelo testemunho humilde e verdadeiro de vida, que o sacramento do matrimónio é um caminho de felicidade para aqueles que são chamados por Deus a percorrê-lo.

Em terceiro lugar, não podemos esquecer que a oração pessoal, conjugal, familiar é essencial para que a coesão da equipa se mantenha e o trabalho com os noivos seja proveitoso. No esquema das nossas reuniões de equipa, há sempre um momento de oração que dá sentido ao nosso encontro e ajuda a colocarmo-nos nas mãos de Deus. É fundamental prepará-lo bem e vivê-lo ainda melhor.

Em quarto lugar, o CPM convida os casais a um compromisso com a Igreja e o mundo para que, vendo como eles se amam, o mundo possa acreditar continua a derramar sobre nós o seu amor e a sua misericórdia.

Os casais CPM são pois chamados por Deus a ser profetas, sacerdotes e reis à maneira de Jesus Cristo.

V – CONCLUSÃO

O QUE É QUE A IGREJA ESPERA DOS CASAIS?

A Igreja espera que os casais cristãos em geral e os casais CPM em particular vivam como tal no seio familiar e no meio das realidades do mundo em que estão inseridas.

Espera que SEJAM, SE SINTAM, VIVAM E TESTEMUNHEM que SÃO IGREJA DE CRISTO.

Obrigado.